

Cisterna e Assessoria Técnica contribuem para Mudança de Vida Seu Paulo e Dona Maria com produção e água de beber



A família de Seu Paulo e Dona Maria

A família de Seu Paulo Martins e Dona Maria Antônia Martins vive no sítio Cabraíba, no município de Jataúba, Agreste de Pernambuco. Ele e ela são casados desde 1990 e têm 6 filhos. Três dos filhos já são casados, os outros 3 moram com o casal. Seu Paulo e Dona Maria são filhos de agricultores e desde que nasceram vivem em Jataúba.

Seu Paulo viajou várias vezes, a partir de 1985, para São Paulo, para trabalhar como carpinteiro. As viagens continuaram, mesmo depois de casado, porque precisava ganhar algum dinheiro para sustentar a família. Dona Maria ficava tomando conta do sítio e dos filhos que começaram a nascer a partir de 1992. “Paulo passou grande parte de nossas vidas trabalhando em São Paulo para dar o sustento da família. Trabalhou em Recife e por último em Caruaru. Eu ficava cuidando da casa e dos filhos”, relembra Dona Maria.

A terra onde atualmente moram Dona Maria e Seu Paulo foi comprada em 1996 e tem 4 hectares. Na época, o casal tinha apenas 2 filhos, Daniel e Marilene. “Era difícil viver só com meus 2 filhos pequenos. A maior dificuldade era a falta de água, porque dificultava muito minha lida do dia”, conta ela. “Lembro que todo mundo da comunidade pegava água em um olho d’água e eu só podia ir lá à noite, porque deixava as crianças em casa dormindo. E isso foi até o ano de 2006”, conta.

De acordo com Dona Maria, nessa época ela só criava galinha, devido à falta de água para cuidar de outros animais. Ela diz que, quando nasceu a terceira filha do casal, Luzia, em 1997, as dificuldades foram muitas. O alimento da família era comprado fiado na vila e só pagava quando o esposo mandava o dinheiro.



Dona Maria e Seu Paulo no quintal produtivo



A água do barreiro também serve para a comunidade

Um barreiro para ter água

Em 1988, Seu Paulo voltou de São Paulo e com o dinheiro que conseguiu juntar, resolveu começar a cavar um barreiro. Pessoas da comunidade chegaram a zombar da sua iniciativa, pois acreditavam que não serviria para acumular água. No ano seguinte, o barreiro juntou água da chuva e as coisas foram melhorando. Em alguns momentos, a água do barreiro também ajudou e ajuda os moradores da comunidade.

Entre 2001 e 2006, nasceram os outros 3 filhos do casal: Marinez, Davi e Leonardo. E, Seu Paulo sempre na mesma vida de ir e vir para grandes centros para trabalhar de carpinteiro. “Eu sempre tive vontade de ficar na roça, só que não tinha condições”, explica ele.

Com o barreiro, a família foi investindo na produção. Em 2011, conseguiu acessar o Programa Nacional de Fortalecimento a Agricultura Familiar (Pronaf) e compraram algumas ovelhas. E, a partir de 2005, Dona Maria começou a receber o bolsa família. “Eu já me sentia mais segura e rica, porque a gente já não morria mais de fome”, afirma.

Cisternas: a primeira cisterna da família chegou em 2014, por meio de uma parceria com a Articulação Semiárido de Pernambuco (ASA-PE) e o governo do Estado. “Foi outra riqueza, pois hoje ela tá aí bem cheinha para beber e cozinhar”, diz Seu Paulo.

A cisterna chegou com o processo de organização da comunidade que, entre 2013 e 2014, criou a Associação Comunitária. A iniciativa trouxe melhorias para a comunidade, pois várias ações foram feitas a partir dessa organização: limpeza de barragem, entrega de sementes de milho, feijão e palma para plantar. Foi nesse período que também chegou a assessoria técnica do Centro Sabiá, com a chamada de ATER Agroecologia, um programa do governo Federal.



A família aumentou sua criação animal

Essas iniciativas e a escassez de trabalho nos grandes centros fizeram com que o Seu Paulo não fosse mais trabalhar fora. “A vida na roça tá bem melhor, principalmente a de minha família. Melhorou muito, pois dá para tirar o alimento da terra. Eu considero que hoje a história é outra, em comparação com o passado”, afirma.

“Eu sempre gostei daqui e, se Deus quiser, terminarei minha vida aqui. Hoje tá bem melhor, temos mais animais. Temos cabras e ovelhas. A gente cria para comer e quando precisa se arremediar vende algum”, explica dona Maria.

Hoje, no roçado do casal, há uma variedade de alimentos: milho, feijão, fava, mamão, goiaba, coentro, cebolinha, cana-de-açúcar, entre tantos outros. “O nosso alimento agora é uma fartura só. E, Paulo está em casa, perto da família”, comemora dona Maria. “Meu sonho hoje é fazer minha cisterna-calçadão. Acredito que a minha vida e a da família ainda vai melhorar muito”, conclui Seu Paulo.